

# Brasil já sente a turbulência

Ulisses Job/Zero Hora - 22/7/05

LUCIANO PIRES

DA EQUIPE DO CORREIO

**N**a linha de frente das exportações para os Estados Unidos, empresas brasileiras que abastecem a indústria da construção civil americana sentem como poucas os efeitos da crise de crédito que abala a maior economia do mundo. Com a diminuição no número de imóveis novos comercializados, caiu também a necessidade das grandes incorporadoras da América por matérias-primas. Por causa disso, do básico ao acabamento, quase tudo que é utilizado para erguer casas e prédios em cidades como Nova York passou a ser demandado em menor escala.

Os reflexos do desaquecimento atingiram em cheio as empresas que processam madeira. Os primeiros danos puderam ser detectados em 2006 e ao longo de 2007. Nesse tempo, houve queda expressiva nos embarques de portas, compensados, tábuas corridas, laminados e molduras. "Os volumes de hoje são 30% do que tínhamos há três anos", resume Antonio Rubens Camilotti, presidente Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci). No suíço, os exportadores foram obrigados a reduzir produção e a demitir pessoal, especialmente no Paraná.

Foco principal dos madeireiros do Brasil, os Estados Unidos pisaram no freio e reduziram as



PRODUÇÃO DE CERÂMICA: EMPRESAS APOSTARAM NA DIVERSIFICAÇÃO PARA ESCAPAR DA DESACELERAÇÃO NOS EUA

compras porque as edificações não brotam mais como antigamente. A velocidade da construção de casas caiu nada menos do que 14,2% em dezembro passado — uma taxa anualizada de 1 milhão de unidades —, o menor nível desde maio de 1991, segundo dados do Departamento do Comércio. Comparado a dezembro de 2006, a queda foi ainda mais brusca no número de novos imóveis: 38,2%. Há três semanas, o estouro da bolha imobiliária

compromete a oferta de crédito dentro dos Estados Unidos e leva tensão aos mercados de ações em todo o planeta.

Em busca de alternativas ao mercado americano, o segmento de madeira para casas e edifícios tenta fortalecer laços comerciais com Europa e América do Sul. A salvação dos empresários, no entanto, pode estar no boom imobiliário brasileiro, que cresce de maneira espetacular há quatro anos. "A nossa grande pedida é o

mercado interno, que está batendo recordes", explica Camilotti. A previsão da Abimci para 2008, mesmo com a crise internacional, é otimista. A meta é ultrapassar os US\$ 37 bilhões de faturamento registrados em 2006 — os números do ano passado ainda não foram tabulados. Já o volume exportado de madeira processada ficará em torno de US\$ 8,5 bilhões neste ano, mais ou menos o mesmo saldo dos últimos dois períodos.

## Apostas

Igualmente afetado pela turbulência americana, o segmento nacional de pisos e revestimentos em cerâmica vem diminuindo sua dependência em relação ao mercado importador dos Estados Unidos. Entre 2005 e 2007, a participação da América nas exportações do setor baixou de 40% para 25%. "Antes da crise estourar, já víhamos implantando estratégias de diversificar mercados", reforça Antonio Carlos Kieling, superintendente da Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimentos (Anfacer).

A decisão deu tão certo que hoje as marcas nacionais tipo exportação chegam sem problemas a mais de 130 países. "Muito mais grave do que a crise imobiliária americana é a questão do câmbio no Brasil", completa Kieling. No ranking mundial da cerâmica para interiores, o Brasil é o quarto maior exportador e o quarto mais importante fornecedor para os Estados Unidos.

O segmento pretende crescer 8% neste ano e, para a surpresa geral dos mercados, espera contar com a ajuda dos americanos. "Os estoques deles estão baixos. Em algum momento eles terão de comprar", prevê Kieling. Se as construções de casas e prédios novos estiverem em baixa, o representante das cerâmicas aposta na retomada das reformas de imóveis antigos. "Se não puderem comprar novos imóveis, as pessoas vão reformar as casas atuais. Acredito que essa crise será superada ainda neste ano", conclui.